

**O PAPEL DA PROFESSORA NA MEDIAÇÃO LITERÁRIA COM OS BEBÊS**

**THE ROLE OF THE TEACHER IN LITERARY MEDIATION WITH BABIES**

**EL PAPEL DEL PROFESOR EN LA MEDIACIÓN LITERARIA CON LOS BEBÉS**

HEINIG, Otilia Lizete de Oliveira Martins  
otilia.heinig@gmail.com

FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau  
<https://orcid.org/0000-0001-8234-236X>

ROSA, Luciane Oliveira da  
luciane.rosa@unifebe.edu.br

UNIFEBE - Centro Universitário de Brusque  
<https://orcid.org/0000-0002-9834-5917>

RODRIGUES, Eloisa Muriely de Sousa  
eloisamuriely@hotmail.com

CEJU - Centro Educacional Juscélia  
<https://orcid.org/0009-0006-8980-2166>

**RESUMO** O desenvolvimento de projeto de literatura com os bebês é o foco deste artigo cujo objetivo é discutir o papel da professora na mediação literária. São discutidos aspectos como: mediação literária; relações entre bebês e livros; a experiência. É uma pesquisa-ação com a metodologia dos projetos de letramento. A análise das práticas parte do relato de experiências com utilização de imagens dos ambientes e materiais literários. Conclui-se que há conhecimentos e habilidades que a professora precisa desenvolver para que ocorra a mediação literária como nutrição nos primeiros anos de vida da criança: conhecer a literatura infantil e práticas de mediação literária; reconhecer a importância da preparação de ambientes estéticos; disponibilizar tempo, espaço, materiais e livros; observar os interesses dos bebês, registrar e avaliar as ações.

**Palavras-chave:** Bebês. Mediação literária. Papel da professora. Projeto de letramento.

**ABSTRACT** The development of a literature project with babies is the focus of this article, which aims to discuss the role of the teacher in literary mediation. This study investigates aspects such as: literary mediation; relationships between babies and books; the experience. It is a research-action combined with the methodology of literacy projects. The analysis of practices starts from the report of experiences using images of kindergarten environments and literary materials. It is concluded that there is knowledge and skills that the teacher needs to develop so that literary mediation occurs as nourishment in the early years of a child's life: to know children's literature and literary mediation practices; to recognize the importance of preparing aesthetic environments; to make available time, space, materials and books; to observe babies' interests, to register and evaluate actions.



**Keywords:** Babies. Literary mediation. Teacher's role. Literacy project.

**RESUMEN** El desarrollo de un proyecto de literatura con bebés es el objetivo de este artículo, que tiene como objetivo discutir el papel del profesor en la mediación literaria. Este estudio investiga mediación literaria; relaciones entre bebés y libros; experiencia. Es investigación-acción combinada con la metodología de proyectos de literacidad. El análisis de las prácticas parte del relato de experiencias utilizando imágenes de entornos y materiales literarios. Se concluye que existen conocimientos y habilidades que el docente necesita desarrollar para que la mediación literaria se dé como nutrición en los primeros años de vida del niño: conocer la literatura infantil y las prácticas de mediación literaria; reconocer la importancia de preparar ambientes estéticos; poner a disposición tiempo, espacio, materiales y libros; observar los intereses de los bebés, registrar y evaluar acciones.

**Palabras clave:** Bebés. Mediación literaria. Papel del profesor. Proyecto de literacidad.

## 1 PALAVRAS INICIAIS

Este artigo aborda o papel da professora na mediação literária com bebês. Utilizamos o termo professora porque as mulheres são a maioria que atuam com bebês na Educação Infantil (EI). A escola é um lugar privilegiado na promoção de experiências com a literatura, tendo o livro como artefato artístico e cultural. Os bebês e os livros literários são potentes por si só, cabendo à professora criar possibilidades para os encontros e as relações entre os bebês e os livros.

Para tratar sobre o tema foi elencado como objetivo discutir o papel da professora na mediação literária com os bebês na EI. Para isso, discorre-se inicialmente, sobre a metodologia da pesquisa e do projeto de mediação, a qual é uma pesquisa-ação em diálogo com o projeto de letramento *Literatura apreciar e por ela se encantar!* Posteriormente, apresentamos a revisão de literatura abordando: mediação leitora; o lugar dos bebês na Educação Infantil; projeto com bebês e a preparação de ambientes literários que contemplem a experiência; o papel da professora de bebês na mediação literária. As concepções são fundamentadas em Kleiman, Bajour, Horn, Barbosa, Larrosa, López, Parreiras, dentre outros. O centro do texto é a análise do projeto de mediação literária com bebês, com base na literatura revisada, a partir do relato da experiência com utilização de imagens dos ambientes e artefatos, considerando também, participantes e propostas. Nas considerações finais, enfatiza-se o papel da professora enquanto mediadora, a qual deve ser capaz de



constituir uma prática de escuta que lhe possibilite selecionar textos em um posicionamento crítico, assim como, conhecer os sujeitos participantes.

## 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E DO PROJETO DE MEDIAÇÃO

Trata-se de pesquisa-ação, na qual a professora atua como uma investigadora da própria prática, como sujeito que olha e analisa de dentro, articulando conhecimentos teóricos e práticos a partir de uma autorreflexão sobre a produção de conhecimento do seu trabalho. Investigar a própria ação é um caminho para a professora produzir discursos sobre a própria prática em um processo de construção coletiva. Lisita, Rosa e Lipovetsky contribuem para o entendimento deste modo de pesquisa, quando se amparam em discussões que...

[...] defendem a construção do conhecimento sobre o ensino pelo professor, por meio de sua própria reflexão, o que requer uma formação docente que lhe possibilite teorizar sua prática, participar da produção de seu conhecimento profissional, propor mudanças e agir de forma autônoma, tanto no contexto de sua atuação quanto no contexto social mais amplo (2001, p. 109).

Na medida em que a professora acolhe os resultados do seu trabalho, como conhecimentos produzidos, pode a ele retornar para transformar suas práticas por meio de suas próprias reflexões. Portanto, quando se apropria da autonomia pedagógica, passa a buscar por referencial teórico para aliar ao ensino como prática social, constituindo, assim, um processo de formação pessoal, fruto da reflexão sobre a ação.

A pesquisa está em diálogo com o projeto *Literatura apreciar e por ela se encantar!* que aconteceu em 2022 em uma escola de EI da rede pública do município de São João Batista, SC. Foi desenvolvido com um grupo de quatorze bebês com idade entre 4 meses a 1 ano e 5 meses e ocorreu em um período aproximado de três meses, em que as propostas eram desenvolvidas entre uma a duas vezes por semana, pela professora de um dos períodos com o auxílio de sua monitora.

O projeto voltado para bebês, com foco na literatura, teve como orientador os indicativos apresentados pelos bebês, expressados por diferentes linguagens: escolher brincar com livros dentre os distintos materiais disponíveis na sala de referência, manusear e explorar livros por períodos maiores de tempo, manifestar a



leitura pelos sentidos, dentre outros. Relacionados a tais indicativos, emergem os seguintes questionamentos e reflexões: Como apresentar o livro de modo que respeite o movimento do bebê? O que faz esse bebê permanecer em um momento só seu de exploração e descoberta, a ponto de estar seguro e confiante para tomar distância dessa professora por um período de tempo?

Teve como objetivo desenvolver o gosto e o prazer pela literatura mediante o contato com livros em ambientes literários preparados para momentos de apreciação. Para se chegar a essa intenção primordial, os seguintes objetivos específicos foram elencados: ter acesso à literatura em seus diversos gêneros e nas diferentes culturas; estabelecer relações com os ambientes literários; envolver-se com a literatura pelos sentidos; vivenciar experiências literárias; acessar a literatura enquanto arte; aproximar-se do universo cultural; explorar materiais pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas; apreciar situações de leitura e contação; despertar a imaginação e fantasia; desfrutar experiências estéticas; expressar-se por diferentes linguagens.

O planejamento da professora incluiu tempo, espaço e materiais a serem utilizados para uma ação espontânea por parte dos bebês. Para cada proposta, partindo do inventário bibliográfico, a professora selecionava material criativo para um tempo mais confortável para os bebês; escolhia um espaço interno ou externo diferente; preparava o ambiente literário, destinando aos livros o papel de objeto principal; para acompanhá-los, selecionava também outros materiais os quais, por vezes, tinham ligação com as narrativas e imagens ou somente com o propósito de um inundo poético presente nas entrelinhas.

Gêneros discursivos distintos eram apresentados, dentre eles: história, poema, cordel, haicai, trava-língua, parlenda. O uso de determinado livro, quando retomado entre uma proposta e outra, se justificava pelo fato de a professora registrar e observar os interesses e indicativos dos bebês. Além disso, situações de leitura (individual e/ou coletiva) ou contação de história aconteciam nas ocasiões das propostas, de modo natural em momento que a professora considerasse mais propício ao grupo.

As intencionalidades atribuídas a cada proposta buscavam dar aconchego, encantamento e vida ao ambiente preparado, com cuidado estético, a fim de torná-lo



convidativo aos bebês que, pelas explorações espontâneas, vivenciavam momentos de contato e deleite com a literatura. Como afirma Parreiras (2012, p. 21),

quanto mais cedo a criança se aproxima do mundo dos livros e do universo cultural proporcionado pela literatura, a familiaridade dela trará segurança em si própria e a possibilidade de imaginação e de criação de fantasias e compreensão da realidade. E, certamente, ela poderá gostar de livros e da literatura.

Essa aproximação com o universo cultural, em específico com a literatura, possibilita o contato com o livro, objeto cultural e social, pelas situações de mediação literária, tendo em vista que, nessa relação de conhecimento, se estabelece uma intimidade com a palavra em banho narrativo, linguístico e poético.

As observações e registros durante o projeto foram feitos pela professora por meio de fotos, vídeos, anotações pessoais em material digital e escrito manualmente nas tabelas de observação criadas pela mesma, documentando todo o processo. A documentação pedagógica pode ser uma grande ferramenta para a metodologia da pesquisa-ação, enquanto material pedagógico para reflexão, pois permite repensar sobre as experiências das crianças, a prática docente e o processo educativo. Documentam a vida dos bebês na escola da infância e ao serem compartilhados com a comunidade escolar e afins, especialmente, exposições, relatórios descritivos, relatos de experiência os quais revelam um processo de documentação pedagógica. Mostra percursos de vida individual e coletiva dos bebês no espaço de educação formal constituindo a história de vida pessoal dos sujeitos envolvidos, bem como, social, ao demarcar trajetórias educacionais da EI.

### **3 A MEDIAÇÃO LITERÁRIA COM BEBÊS**

#### **3.1 Mediação leitora**

Para compreender a expressão “mediação leitora”, é importante discutir os termos que a compõem. A mediação indica uma ação de um leitor junto a outro para que haja a compreensão do texto em suas diferentes formas que podem ser oral, escrito, imagético ou mesmo aproximando as formas. No que tange à compreensão de um texto, Kleiman (2000) explica que se trata de um processo que envolve



diferentes tipos de conhecimentos como o prévio, linguístico, textual, de mundo, os quais interagem entre si, para que o leitor possa construir o sentido do texto.

Como nosso foco é a leitura literária com bebês, esclarecemos, novamente com base na pesquisadora Kleiman (2014) que:

Na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, várias dessas estratégias de compreensão leitora são implementadas pelo professor, inicialmente um mediador adulto da leitura que apresenta às crianças um repertório de textos, estabelece contextos e objetivos, informa, faz perguntas que ajudam os alunos a fazerem predições sobre o que determinado texto quer dizer. Gradativamente, o leitor vai se tornando mais autônomo, estabelecendo ele mesmo as maneiras de ler e de compreender.

Portanto, o mediador deve compreender o texto antes de interagir com outros leitores a fim de provocar a construção dos sentidos. A mediação leitora se vincula também à escuta nas práticas de leitura (Bajour, 2012). Nessa concepção, a leitura assim como a escuta são consideradas dialógicas, levando à negociação de sentidos entre sujeitos os quais são singulares e estão situados historicamente (Bakhtin, 2003). Aliado a isso, segundo Bajour (2012, p. 24), “escutar e ler tem a ver com a vontade e a disposição de aceitar e apreciar a palavra dos outros em toda sua complexidade [...]”.

A dialogia da escuta, que faz parte de todo ato de leitura, aponta para a alteridade, pois é na relação com o outro que o sujeito se constitui. As vozes sociais estão em uma cadeia que promove as respostas do sujeito ao que é dito, ainda que esse dito não seja novo. Além disso, como o tempo é outro, cada vez que um enunciado alcança o interlocutor, também o sujeito já é outro, pois está em um movimento dialógico na compreensão dos enunciados, estando as replicadas do diálogo interligadas. Isso ratifica tanto a leitura como a mediação como atos dialógicos.

Quando se trata de textos literários, é preciso considerar a polissemia, ou seja, a abertura de sentidos a partir do dito seja oral ou escrito. Entretanto, como adverte Bajour (2012, p. 68), não implica colocar em cena todas as interpretações sem seguir algumas linhas previstas pela professora ou propostas pelos alunos. Na escuta de textos literários, especialmente na escola, nem sempre se considera toda a potencialidade estética que o texto pode levar ao leitor/ouvinte. A escolha de textos literários para projetos de leitura dentro e fora da escola se justifica porque eles “nos



tocam e nos questionam acerca de nossas visões sobre o mundo e nos convidam a perguntarmo-nos como viveríamos o que é representado nas ficções”. (Bajour, 2012, p. 26).

Retomando a mediação em leitura, dois pontos são primordiais: a seleção de textos e o conhecimento a respeito dos sujeitos participantes os quais estão interligados.

A escolha pressupõe imaginar por onde introduzir os textos nas conversas literárias a fim de abrir caminhos para que os sentidos não se fechem. O leitor/mediador deve conhecer muito bem o texto que irá apresentar a seus interlocutores, deve ter dialogado com o próprio livro e estabelecido com ele um diálogo para a construção dos sentidos. Também com o texto escrito se dialoga e, nesse movimento, as atitudes responsivas (Bakhtin, 2003) vão acontecendo em uma construção de sentidos que está, igualmente, em movimento.

A seleção, que inicia na escuta, é crucial para definir o como e o quê na leitura coletiva, por isso o mediador deve imaginar perguntas, modos de apresentar e adentrar nos livros bem como prever as estratégias de leitura uma vez que tem conhecimento profundo do texto selecionado. Isto é "uma premissa central para que o fluxo da conversa não fique somente ao sabor da opinião espontânea”. (Bajour, 2012, p. 62).

A professora, que faz a mediação, precisa escutar o seu interlocutor para conhecê-lo, assim a seleção das obras será um encontro entre o escrito e o vivido ou os desejos do grupo. A escolha não é um ato apenas do professor/mediador, é um gesto de encontro aos sujeitos que com ele leem e compreendem o ato de ler e escutar. Nesse processo, o registro docente leva a professora a refletir sobre suas práticas, sobre os livros selecionados e sobre as vozes dos seus interlocutores. Ao registrar as situações de leitura, as práticas sociais são analisadas, potencializando um distanciamento do feito para que as próximas mediações sejam (re)pensadas partindo da sua própria escuta.

A mediação leitora, portanto, é um ato dialógico e, como tal, considera o outro como sujeito que produz sentidos, o que leva à reflexão sobre a prática do mediador que também é um sujeito singular em meio a tantas vozes sociais que circulam nesse processo de leitura e escuta.

### 3.2 O lugar do bebê na Educação Infantil

Na BNCC (Brasil, 2017) foram definidas nomenclaturas para os grupos de crianças. De 0 até 1 ano e 6 meses de idade são considerados bebês; de 1 ano e 7 meses até 3 anos e 11 meses são consideradas crianças bem pequenas, de 4 anos até 5 anos e 11 meses de idade são consideradas crianças pequenas. A garantia do lugar do bebê na BNCC é vista como um avanço na EI brasileira. O bebê, considerado um sujeito da experiência (Larrosa, 2016), constrói suas aprendizagens nas experiências do cotidiano, na escola e na comunidade.

Ao tratar de bebês na EI, destaca-se que são sujeitos capazes, ativos e potentes, que convivem cotidianamente em um coletivo, aos cuidados de professoras que se tornam adultos de referência nessa jornada. A experiência profissional de Rodrigues e Hames (2021) com bebês, que frequentam o berçário, mostra que os bebês são pequeninos, requerem zelo, carinho e atenção da professora. Eles precisam sentir o toque, ver e ouvir que estão sendo cuidados. Os bebês se constituem na relação com o outro, aprendendo a viver culturalmente em comunidade e convivendo no coletivo. Eles são curiosos, querem descobrir, conhecer, provar, se relacionar com adultos e crianças. Estão sempre aprendendo com tudo que os cerca, a apreciar sabores, utilizar objetos, comunicar-se, demonstrar afetos. As experiências mostram que os bebês são observadores, são ousados e corajosos, descobrem seu corpo, seus movimentos e sensações, reconhecem pessoas e objetos pelo toque e pelo cheiro. Tais afirmações se complementam com os escritos de Horn e Barbosa (2015, p. 11):

A complexidade de sua genética, sua capacidade neuronal e suas competências sensoriais e sociais nos levam a acreditar que são indivíduos com múltiplas condições de interagir e de aprender desde o nascimento, contando que estejam rodeados por pessoas que os acolham e os sustentem emocionalmente. Os afetos, a corporeidade e a cognição dos bebês estão profundamente conectados, e os modos de articulação entre estas instâncias, definidas nas relações estabelecidas no percurso de cada história de vida, possibilitam a emergência das singularidades de cada ser humano.

Os bebês trazem em si uma força, a de vida e precisam de tempo para construírem suas aprendizagens por meio de um corpo que os constituem, que “é profusão do sensível. Ele é incluído no movimento das coisas e se mistura a ela com



todos os seus sentidos” (Le Breton, 2016, p. 11), esse corpo vive situações concretas, assim, são as experiências que marcarão a infância vinculada à história individual de cada um. Devido a isso, as professoras precisam considerar as especificidades dos bebês ao elaborar seus planejamentos.

Para a educação e cuidado de bebês, a abordagem Pikler é uma referência de estudos, na qual a ênfase das noções essenciais incluem: “o movimento livre’, ‘a atividade de exploração’, ‘a aprendizagem autônoma’, ‘a atividade iniciada pela própria criança’ e, mais recentemente, ‘a noção de competência.’” (Tardos, 2016, p.55), por isso, considerar bebês na EI é também priorizar corpo, experiência e brincadeira. Cada vez mais o bebê tem conquistado seu lugar na EI, estudos têm sido desenvolvido com e sobre os bebês na escola e a legislação têm garantido seu lugar. No entanto, para garantir os direitos do corpo potente do bebê, é preciso ir além da legislação e das pesquisas, é preciso boa formação de professores de bebês.

### **3.3 Projeto literário com bebês: a preparação de ambientes que contemplem a experiência**

O planejamento das vivências na EI é fundamental, nele a professora pode pensar na articulação dos objetivos do plano de ensino com as possibilidades de experiências que crianças irão ter. Compreendendo os bebês como potentes, sujeitos ativos e de relações, uma das formas da professora organizar o planejamento das ações pedagógicas com os bebês é por meio de projetos.

Os projetos na EI possibilitam diversos arranjos, duração de tempo e intencionalidade pedagógica. Barbosa e Horn (2008) afirmam que projetos são desenvolvidos para e com as crianças, oportunizando que aprendam a pesquisar, duvidar, argumentar e pensar. Enfatizam que os projetos com os bebês são diferentes dos projetos com crianças maiores, pois é preciso observar as especificidades. Assim, o grupo de bebês e o contexto da escola devem ser considerados ao pensar um projeto. Os temas surgem da observação atenta dos professores sobre o interesse e necessidades dos bebês, e o tempo do projeto pode ser de um dia, uma semana, um mês ou mais.

Dentre os tipos de projetos que podem ser realizados com os bebês, está o projeto de letramento. Um projeto de letramento oportuniza o contato com o mundo

da cultura escrita, é uma ocasião em que os textos escritos fazem parte das interações e interpretações do grupo (Heinig, 2013). Esse projeto envolve eventos de letramentos e seus elementos visíveis: participantes, ambientes, artefatos e atividades. Os bebês possuem várias linguagens e, embora não leiam textos escritos, podem participar de atividades de leitura e interagir por meio de suas linguagens como o balbucio, as expressões corporais e faciais. Os projetos podem envolver desde livros de imagens para serem lidos com os bebês até textos escritos para serem lidos para os bebês. O bebê, desde seu nascimento, está imerso no mundo letrado. Portanto, o papel da EI é ampliar a convivência com os letramentos.

Para a realização de um projeto de letramento, é necessário que a professora faça o planejamento, considerando os elementos visíveis de um evento de letramento. Um dos elementos refere-se aos ambientes utilizados durante o projeto. Para pensar em ambientes na EI, é preciso considerar a organização de espaços tanto internos como externos na escola.

A preparação dos ambientes para projetos literários precisa contemplar a experiência a qual se refere a algo que toca, que atravessa e produz sentidos e saberes (Larrosa, 2016). Essa experiência pode ser planejada, porém, não pode ser medida, porque nem sempre seu resultado é observável. Por ser algo que acontece com cada pessoa que passa pela experiência, produzindo sentidos, ela é única para cada um e mais abrangente do que pode ser esperado pela professora. Essa concepção de experiência dialoga com a pedagogia de projetos com os bebês, na qual se possibilita tempo, espaço e materialidades para exploração, imaginação e criação. A experiência, entendida dessa forma, abrange estética, estesia, fruição e o tempo aiônico.

A preparação de ambientes estéticos envolve a organização de materiais e do tempo, para provocar a estesia e produzir experiência. A estesia é o contrário da anestesia, portanto, precisa-se pensar em mexer com a criança, em provocar reações e pensamentos. O tempo é fundamental para produzir experiências, pois o tempo da criança não é cronológico, mas o tempo de *aión*. O tempo aiônico é a intensidade do tempo da vida humana, é o tempo presente, como nos dizem Kohan e Vigna (2013, p. 17) apresentando o fragmento 52 de Heráclito: “[...] o tempo é uma criança que brinca; o reino de uma criança”, portanto *aión* é uma criança que brinca, literalmente

“criançando”, não há sucessão nem consecutividade, mas intensidade da duração do tempo. Então, ao pensar o tempo, a professora precisa oferecer um tempo suficiente para a experiência dos bebês, não é um tempo curto e nem demasiado longo. É preciso estar atenta para os sinais das crianças, pois cinco minutos podem ser suficientes devido à intensidade da ação, ao passo que 30 minutos podem ser insuficientes e a criança estar ainda completamente envolvida na ação. Assim, o tempo cronológico guiará a professora que deverá atentar para o tempo aiônico dos bebês.

Quando a professora se dedica na organização dos ambientes literários e sabe como pensar possibilidades para dispor os materiais, o envolvimento e protagonismo dos bebês se dá de maneira espontânea, pois o ambiente, ao seu redor, é "um grande laboratório e os objetos variados colocados à sua volta geram as condições necessárias para que se autodesafie, explore, investigue, aprenda, desenvolva sua inteligência e construa sua personalidade" (Soares, 2017, p. 30). Nesse sentido, depende da professora a oferta daquilo que se observa ser necessário para as experiências literárias das crianças, e depende do modo de as crianças apreciarem e se expressarem. Mas, como nos lembra López (2018, p.71), "sem bons materiais e oportunidades de experimentar, as crianças perdem ocasiões importantes". Em se tratando das relações entre bebês e livros, os livros precisam estar dispostos a altura dos bebês para que eles possam por si só alcançar, pegar, apalpar, folhear, observar, cheirar, revelando seus modos de ler, que acontece por todos os sentidos, de corpo inteiro. López (2018) lembra que os bebês leem nos gestos mínimos, com a arte e a brincadeira se fundindo e permitindo a entrada na cultura escrita e na linguagem do relato. Assim como,

um bebê [...] que tem uma relação fluida com os livros não é ainda um leitor convencional: lê seu livro chupando-o, sacudindo-o, de trás para frente ou sem uma ordem de folhear, no entanto, seus sentidos estão alertas e são capazes de perceber qualquer forma, cor, textura, a relação entre palavra e imagem que o adulto fornece, o sentido musical da linguagem. Ou seja, além de apropriação poética das palavras, da língua do relato, da narração, acrescenta a possibilidade de percepção visual e organizativa da imagem, assim como aquilo que não é tátil, nem visual, nem auditivo, mas que ocorre em outro nível da sensibilidade, que é afetivo e intraduzível, muitas vezes. Um bebê que folheia e puxa para frente e para trás um livro literário com interesse está imerso, então, no território da arte. (López, 2018, p.53).

Portanto, há experiências dos bebês com os livros que só quem tem a oportunidade de presenciar pode observar do que eles são capazes, pois existem relações que são indescritíveis, que vão além daquilo que é palpável e cabível nas palavras. Conhecer como os bebês leem e como organizar espaços literários é fundamental para pensar em projetos de mediação literária.

### 3.4 O papel da professora de bebês na mediação literária

A professora é alguém que também se constitui por um corpo (Le Breton, 2016) e que deixa marcas na infância de cada bebê, mediante as relações que acontecem, pelo contato físico ou mesmo por aquilo que prepara intencionalmente, pensado no grupo ou em cada um dos bebês de modo singular. Uma professora que se constituiu como leitora deixará marcas de literatura.

Pensar mediação leitora e literária com bebês é refletir também sobre o papel da professora nesse processo. Quando a professora conhece a literatura, faz toda a diferença, pois sabe escolher obras de qualidade literária para os bebês que, mesmo pequenos, serão nutridos por esse alimento para a imaginação, pois, como diz Cascudo (2000), as histórias são o primeiro leite intelectual que se dá à uma criança.

Para que a mediação literária aconteça, é fundamental que a professora desenvolva habilidades para tal.

O trabalho com bebês e crianças pequenas exige que as pessoas responsáveis *aprendam a ler crianças*, uma das tarefas mais complexas que podemos imaginar. Ler entrelinhas, ler entre gestos, ler marcas do tempo ou ler sem palavras. A tarefa de interpretar seus sentimentos e suas necessidades, seus modos de pensar, requer uma sensibilidade e uma disponibilidade particular, além de certos conhecimentos específicos acerca do desenvolvimento infantil. Trabalhar para a primeira infância não é apenas um desafio político, mas também epistemológico. Torna-se interessante rever, à luz dessas leituras, os alcances reais das propostas de formação que estão sendo desenvolvidas na atualidade. Apostar em um desenvolvimento cultural mais rico para a primeira infância também implica um provisãoamento de recursos sociais, afetivos e culturais nos mediadores (López, 2018, p.110).

Conforme esses pressupostos, o primeiro passo para a mediação é ler crianças. Compreender o bebê, o seu tempo, que não é cronológico e nem medido, é um tempo aiônico, um tempo da intensidade, oposto ao tempo do adulto que é cronológico, cronometrado, que, muitas vezes, acelera, sobrecarrega e antecipa o que

não é próprio para a idade do bebê. Larrosa (2016) esclarece, quando fala do tempo, que se viva a experiência. O tempo é fundamental para que algo aconteça e nos toque, produzindo sentido. Abrir uma possibilidade de que algo aconteça, requer um gesto de interrupção, parar pensar, olhar, escutar, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião e o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, dar-se tempo e espaço. Para isso, a professora necessita viver experiências, abrir-se e dar-se tempo, para então dar tempo aos bebês, abrir espaços e criar tempos no cotidiano da escola, a fim de que as vivências não sejam forçadas ou gerem algum tipo de estresse em seu ritmo.

Assim, serão pensadas as experiências com a literatura que acontecerão em espaços pertencentes às escolas das infâncias e a professora, conhecendo esses espaços, poderá fazer escolhas que condizem com as necessidades do seu grupo, sejam elas de movimento, descobertas e afinidades. Nesse sentido, Parreiras (2012, p. 199) afirma que “no lugar em que o bebê e a criança vão, os livros podem ir. A leitura cai bem em situações de lazer, de recreação para os pequenos. Tudo depende do adulto mediador de leitura, que contribui para a aproximação dos pequenos com os livros.”. Nada impede de os livros estarem em diferentes espaços, isso só dependerá do olhar da professora, da sua observação e escuta, pois, ao apropriar-se de sensibilidade, refinará cada vez mais suas escolhas assim como suas ofertas, intensificando sua atuação nos ambientes que prepara para que a mediação literária aconteça.

#### **4 ANÁLISE DO PROJETO LITERÁRIO COM BEBÊS**

Diante desse arcabouço teórico referente à mediação literária com os bebês, analisar uma prática literária é um ato de compromisso e defesa para com os bebês, enfatizando o papel da professora na mediação literária. Para isso, destacam-se algumas das propostas com os ambientes literários que, por si só, dizem muito aos bebês, professora e monitora que tiveram a oportunidade de serem partes integrantes de tal projeto.

Nesta seção, apresentamos imagens do projeto que considerou a mediação leitora como um ato dialógico, considerando os bebês como sujeitos que produzem



sentidos a partir das experiências vivenciadas. A imagem mostra um ambiente literário para as ilustrações inusitadas, criado no espaço externo da escola, utilizando varal de livros com os diferentes títulos.<sup>1</sup> Há um destaque para o instrumento pin e o livro *Sobe* de Nuppita Pittman, ambos utilizados na ocasião de leitura feita pela professora para os bebês. Na sequência da leitura, uma bebê desejou explorar o livro utilizado, a professora observava e filmava sua relação com o mesmo. Quando a bebê observava as ilustrações, folheava com movimentos finos e precisos, passava suas mãos sobre as páginas, dentre outras explorações que davam significado à sua leitura pelos sentidos.

Imagem 1. Varal das ilustrações inusitadas



Fonte: Arquivo pessoal para fins de pesquisa

Considera-se que as cores, texturas e formas que dão vida às ilustrações são poderosos atrativos para os pequenos leitores. Com a função de complementar o texto escrito ou falar por ele, despertam o olhar cuidadoso, conduzem ao sensível e à atenção nos detalhes. Ao preparar o ambiente, a professora pensou em proporcionar experiência, por isso, oportunizou uma estética com livros pendurados.

<sup>1</sup>*Misturichos* de Renata Bueno e Beatriz Carvalho; *Amigos da fazenda* da Editora Ciranda Cultural; *O mundo é redondo e a vida é cor de rosa* de Milton Célio de Oliveira Filho e Maria Cristina Raposo de Mello; *E o dente ainda doía* de Ana Terra; *Um pé de vento* de André Neves; *A bruxa e o espantalho* de Gabriel Pacheco.



Para o deleite de poemas, que transmitem sensibilidade, delicadeza e poesia, um ambiente literário poético, imagem 2, com cores, livros e flores. Assim, no espaço externo sobre o gramado, foi preparado tal ambiente, com tecido, bancos de madeira, almofadas, latas, toalhas de crochê, flores naturais, cesto de vime, caxixi e livros de poemas diversos<sup>2</sup>. Na ocasião, foram cantados pela professora, alguns poemas musicados do livro *A Arca de Noé* de Vinicius de Moraes, com uso de caxixi. Alguns bebês se expressaram movimentando o corpo, imitando gestos, batendo palmas, enquanto outros, seguiam manuseando os livros.

Imagem 2. Ambiente para poemas e poesia



Fonte: Arquivo pessoal para fins de pesquisa

Os livros de poemas, que proporcionam poesia, podem estar presentes no repertório literário dos bebês desde muito cedo. Brincar com os poemas e a musicalidade que eles trazem são caminhos potentes, uma vez que, para os bebês, as experiências sonoras acontecem antes das experiências das palavras. O ambiente literário na imagem 2 foi cuidadosamente pensado para uma mediação que provocasse estesia.

A imagem 3 apresenta uma proposta com ambiente literário preparado para as ilustrações que contemplam a artesanaria, ao usar caixas de madeira, materiais

<sup>2</sup>*Qual é que é* de Lalau e Laurabeatriz; *Cada bicho com seu capricho* de Carlos Machado; *Os insetos do meu jardim* de Elisabete Jacques Urizzi Garcia e Cintia M. A. O. Arouca; *Brinquedos e Brincadeiras* de Roseana Murray; *Fora da gaiola e outras poesias* de Lalau e Laurabeatriz; *Jardins* de Roseana Murray; *Bem-te-vi e outras poesias* de Lalau e Laurabeatriz; *Poesia na varanda* de Sonia Junqueira e *Tantos barulhos* de Caio Riter.

concretos artesanais ou os objetos que dão vida a esses materiais, como: bonecos de tecido, fantoches confeccionados com meias, bola de tecido, toalhas bordadas, cones de linha, toalhas de renda e crochê, fios de malha, cestas de vime, e os livros<sup>3</sup>.

Imagem 3. Literaturas que contemplam a artesanaria



Fonte: Arquivo pessoal para fins de pesquisa

O artesanal está ligado à natureza e o bebê é natureza, ainda não foi separado dela. Portanto, é muito importante a interação do bebê com materiais artesanais, pois, eles remetem à vida por serem feitos manualmente por humanos e com materiais que trazem o calor, a imaginação e proporcionam apego.

A imagem 4 é um registro do ambiente literário preparado para abordar temas das culturas afro, afro-brasileira e indígena. Para tal, no Quintal dos Bebês (espaço externo anexo à sala de referência), foram usados paletes, tecidos, almofadas, materiais característicos às culturas indígena e africana: chocalhos indígenas, pau de chuva, cesto indígena, abayomis confeccionadas com tecidos, cesto pequeno, e os livros<sup>4</sup>. Na ocasião da proposta, aconteceu a leitura da história *O céu e a terra* de Lluís Farré. Para dar início, a professora cantou uma canção e os bebês demonstraram atenção à mesma, batiam palmas e verbalizavam “ia-ia” para acompanhar a canção.

<sup>3</sup>A *Moça Tecelã* de Marina Colasanti; *Cabe aqui na minha mão* de Érica Catarina; *Mamão, melancia, tecido e poesia* de Fábio Sombra; *Um pé de vento* de André Neves; *Com que roupa eu irei para a festa do rei?* de Tino Freitas e *Toribio* de Gerardo Méndez.

<sup>4</sup>*Olelê uma antiga cantiga da África* de Fábio Simões; *Jardins* de Roseana Murray; *Alafiá e a pantera que tinha olhos de rubi* de Marcel Tenório e Theo de Oliveira; *Pikuin, o pequeno kurumin* de Marco Antonio Ribeiro Pietrucci; *Poeminhas da terra* de Márcia Leite; *O tupi que você fala* de Claudio Fragata; *Apuka* de Maria Julia Maltese e *Abaré* de Graça Lima.





Durante toda a proposta de exploração do ambiente literário, também aconteciam situações de leitura para pequenos grupos. Como exemplo, a ocasião em que a monitora fez leitura para duas bebês que estavam próximas, uma segurava o livro enquanto observava as imagens e a outra observava a ação da colega com o objeto livro, ambas presenciando a leitura.

Imagem 4. Ambiente literário para abordar as culturas afro, afro-brasileira e indígena



Fonte: Arquivo pessoal para fins de pesquisa

A literatura possibilita conhecer povos e culturas diversas por meio das imagens e das palavras. Torná-las próximas do cotidiano dos bebês amplia o conhecimento de mundo, tendo em vista que, ao garantir o contato com a literatura das culturas afro e indígena, os bebês acessam a pluralidade e a diversidade cultural e têm a possibilidade de identificação cultural.

A proposta, exibida na imagem 5, apresenta um ambiente contendo cabana literária criada na sala de referência dos bebês. Foram usados tecidos, tapete de crochê, almofadas, imagens impressas das ilustrações dos livros fixadas nas paredes e dispostas em cesto bem como os livro-imagens<sup>5</sup>. A história *A pinta fujona* de Fê foi lida pela professora na ocasião. Estando a professora sentada ao chão, utilizando o livro seguiu mostrando as imagens e fazendo a leitura das mesmas aos bebês. Alguns se encontravam próximos, outros mais distantes, mas observavam as imagens, sorriam e realizavam imitação de sons dos animais produzidos pela professora.

Imagem 5. Cabana literária na sala referência

<sup>5</sup>*Piccolo e Nuvola* de Emilio Urberuaga; *Bocejo* de Renato Moriconi; *A bruxa e o espantalho* de Gabriel Pacheco; *Nerina a ovelha negra* de Michele Iacocca; *O barco dos sonhos* de Rogério Coelho; *A visita* de Lúcia Hiratsuka; *Abaré* de Graça Lima; *Lá vem o homem do saco* de Regina Rennó; *Ida e volta* de Juarez Machado; *Quando os tam-tans fazem tum-tum* de Ivan Zigg e *Bárbaro* de Renato Moriconi.



Fonte: Arquivo pessoal para fins de pesquisa

A sala de referência dos bebês é, para eles, um lugar que remete à familiaridade, segurança e acolhimento, onde se sentem confiantes para realizar suas explorações e manifestar suas expressões. Barbieri (2012) afirma que o espaço, assim como o ambiente criado, é em si educadores, pois neles há modos de organização carregados de intencionalidades, por isso a importância de se criar ambientes em espaços internos, considerando a sala de referência. Incluídos nesse espaço, para tal proposta, estão os livro-imagens, que também se fazem tão necessários dentre as possibilidades literárias oferecidas aos bebês, em vias de contato e aproximação, sem esperas imediatas por parte do mediador.

Mais que tudo, o livro de imagem traz a possibilidade de contato com a arte da imagem, com o mundo interno da criança, suas fantasias, dúvidas e seus sonhos. Ao manusear e tocar esses livros, aos poucos a criança é introduzida no universo mágico da literatura. Ela conhece outras realidades e outras experiências. E usufrui de obras cuja linguagem predominante é a ilustração, tão necessária para apurar o olhar e outros sentidos, tão importante para o desenvolvimento da apreciação estética (Parreiras, 2012, p. 138)

Para encerrar, a imagem 6 retrata a criação de ambiente literário em espaço externo anexo a campo e área esportiva, para apresentação de haicai e cordel, onde, debaixo de uma sombra boa, foram dispostos tecidos, almofadas e os livros:<sup>6</sup> No momento da proposta, ocorreram leituras de haicai e cordel, presentes nos livros, para pequenos grupos de bebês. Enquanto alguns bebês exploravam o ambiente, outros,

<sup>6</sup>*Cordel das lendas bovinas* de Jorge Fernando dos Santos; *Arraial do Haicai* de Fabíola Braga; *Mamão, melancia, tecido e poesia* de Fábio Sombra; *Cai ou não Cai? Haicais e Animais* de Jean Marcel e Simone Alves Pedersen; *Hai-Quintal: Haicais descobertos no quintal* de Maria Valéria Rezende e *Haicais Visuais* de Nelson Cruz, foram utilizados para leituras breves e embaladas.

espontaneamente se sentavam próximos ou até mesmo no colo da professora ou monitora para desfrutar as situações de leitura, faziam expressões faciais, observavam com atenção e apontavam para as ilustrações.

Imagem 6. Sombra, haicai e cordel



Fonte: Arquivo pessoal para fins de pesquisa

A diversidade de livros e gêneros discursivos, nas mediações, sinalizam um projeto pensado por uma professora leitora e atenta às possibilidades de letramentos. Foram vários os ambientes preparados com cuidado, zelo, acolhimento, respeito e responsabilidade pedagógica, em um projeto que ganhou vida pela professora que estuda sobre bebês e literatura, conhece a identidade da escola e do seu grupo de bebês, respeita o tempo dos bebês, observa, registra e avalia suas práticas pedagógicas. Tudo isso sustentado pelo olhar afetuoso, sensível e disponível, que afinam os discursos teóricos e práticos, entre o que se estuda e o que se vive no cotidiano, na vida pulsante.

Devido às propostas desse projeto, os bebês tiveram a oportunidade de, com movimentos livres, viver suas experiências, explorando com autonomia e iniciativa própria aquilo que era oferecido em cada proposta, atuando com protagonismo sem a necessidade de direcionamento por parte da professora.

Das vivências decorrentes, seguem registros de alguns dos elementos observáveis dos bebês em relação às experiências com as propostas do projeto, evidenciando que os bebês são fonte de aprendizados para uma professora que se propõe a estudar e pesquisar sobre eles, seu próprio papel e práticas de mediação



literária. Algumas observações realizadas revelam como os bebês comunicaram seus sentimentos durante o projeto de literatura: caminhar pelos espaços, transferindo livros de um lugar ao outro, segurando-os pelas mãos; levar livros à boca; observar espontaneamente imagens nos livros; manipular os livros abrindo, fechando, mudando posições, folheando; segurar livros com as mãos, olhar para o mesmo e balbuciar; guardar livros no nicho da sala de referência; manipular e observar livro no momento do sono; dormir aconchegando sua mão sobre livro e permanecer dormindo segurando o mesmo; sentar no canto da sala de referência, a fim de permanecer só para manusear e observar livro; observar e apontar para imagens de ilustrações fixadas na parede da sala de referência; transferir imagens de ilustrações coladas na parede da sala de referência, colando-as em outros lugares; verbalizar *mim-mim* para curumim do livro *Curumim* de Tiago Hakiy; apontar para imagens nos livros; demonstrar atenção e desejo em observar as leituras e contação de histórias, curvando seu corpo para melhor observar; observar com mais atenção as ocasiões de leitura e contação de histórias ao estar mais distante do grupo, muitas vezes, até mesmo ao estar mexendo em outras coisas; entregar livros à professora, expressando desejo em ouvir a leitura do mesmo; aconchegar-se no colo da professora para momentos de leitura individual durante as propostas; chorar em expressão de desejo e comunicação; produzir emissões sonoras em diferentes intensidades; passar a mão sobre cada página folheada; experienciar seu silêncio. Portanto, por meio de suas linguagens, os bebês expressaram todos esses sentimentos descritos.

Olhar para esses bebês que desde a primeiríssima infância estão próximos dessa diversidade literária de maneira prazerosa, é acreditar que, em um futuro breve, como disse Kleiman (2000), se tornem leitores mais autônomos, estabelecendo as maneiras de ler e de compreender. Também é apostar que permaneçam buscando pela disponibilidade de se relacionar com a literatura de modo profundo e afetuoso.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do artigo foi discutir o papel da professora na mediação literária com os bebês na EI, para tal apresentamos a revisão de literatura e análise do relato de experiência sobre o projeto desenvolvido com os bebês. A análise mostra que o papel

da professora consiste em desenvolver conhecimentos e habilidades para que ocorra a mediação literária como nutrição nos primeiros anos de vida da criança, o que implica: conhecer a literatura infantil e práticas de mediação literária; reconhecer a importância da preparação de ambientes estéticos e estésicos; disponibilizar tempo, espaço, materiais e livros; observar os interesses dos bebês, registrar e avaliar as ações.

Consideramos que, para os projetos de mediação literária com bebês se efetivarem na EI, depende inteiramente de professoras que se constituam como leitoras e, no cotidiano, encontrem lugar para a palavra, tendo em vista dois pontos primordiais para a mediação: a seleção de textos e o conhecimento a respeito dos sujeitos participantes. No entanto, selecionar bons textos requer que se conheçam bons livros e práticas de mediação de leitura. Para que a mediação literária seja uma experiência estética, é preciso preparar ambientes estéticos, exercitar a escuta atenta, estar disposta a acreditar na potência dos bebês possibilitando que vivam seus silêncios e satisfaçam suas curiosidades. Enfatizamos que a garantia do lugar do bebê na EI está para além das pesquisas e legislação educacional, é preciso que haja formação eficiente de professores de bebês para atuarem nas escolas.

## REFERÊNCIAS

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do gato, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBIERI, Stela. *Interações: onde está a arte na infância?* São Paulo: Blucher, 2012.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. *Projetos Pedagógicos na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2017.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil (Folclore)*. Ilust. Poty. Rio de Janeiro, Ediouro, 2000.

HEINIG, Otília Lizete de Oliveira Martins. *Baú de práticas: socialização de projetos de letramentos*. Blumenau: Edifurb, 2013.

HORN, Maria da Graça de Souza; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Apresentação. In: FOCHI, Paulo. *Afinal, o que os bebês fazem no berçário?* Porto Alegre: Penso, 2015.

KLEIMAN, Angela. Compreensão leitora. In: *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores* / Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/compreensao-leitora>. Acesso em: 26 dez. 2023.

KOHAN, Walter Omar; VIGNA, Elvira. *Heráclito de Éfeso - Pensar com Heráclito*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LE BRETON, David. *Antropologia dos sentidos*. Tradução Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LISITA, Verbena; ROSA, Dalva; LIPOVETSKY, Noêmia. Formação de professores e pesquisa: uma relação possível? In: ANDRÉ, Marli (Org.) *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

LÓPEZ, María Emília. *Um mundo aberto: cultura e primeira infância*. São Paulo: Instituto Emília, 2018.

PARREIRAS, Ninfa. *Do ventre ao colo, do som à literatura: livros para bebês e crianças*. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

RODRIGUES, Eloisa Muriely de Sousa; HAMES, Sabrina. Leitura e contação: vivências do “Momento Literário” com bebês. In: HEINIG, Otília Lizete de Oliveira Martins (Org.). *Baú de Práticas II: há 20 anos tecendo memórias entre olhares, escutas e palavras*. Blumenau: Edifurb, 2021.

SOARES, Suzana Macedo. *Vínculo, movimento e autonomia: educação até 3 anos*. São Paulo: Omnisciência, 2017.

TARDOS, Anna. Autonomia e/ou dependência. In: FALK, Judit (Org.). *Abordagem Pikler, educação infantil*. São Paulo, 2016.